



O VÃO FEMININO - Historiografia arquitetônica Brasileira

COSTA, JÚLIA M. (1);

1. Universidade Presbiteriana Mackenzie. Arquitetura e Urbanismo. Rua Borba Gato, 331, São Paulo.
julia.menda97@gmail.com.

RESUMO

A sociedade vem de origens e influências patriarcais, as quais, tocam comportamentos e ações que não compactuam para a equidade de gênero. De mesma forma, a história global, contada por visões eurocêntricas e norte americanas, além de abordar uma perspectiva patriarcal, acaba por banalizar a importância da cultura e acontecimentos nos demais continentes, como América Latina. A historiografia da arquitetura e do urbanismo como profissão e disciplina, conta com diversos vazios, dentre eles a invisibilização da mulher e a arquitetura de países que não os de primeiro mundo. No Brasil é clara a distinção da bibliografia destinada ao Sudeste em comparação com as regiões Norte e Nordeste do país. O objetivo desse ensaio é refletir a história da mulher como profissional de arquitetura, com enfoque nas consequências que esse trajeto social levou para a atuação do gênero feminino na arquitetura da região e a presença dessas mulheres na historiografia referente as principais cidades do Nordeste, incluindo reflexões sobre as parcerias e associações de mulheres com sócios e cônjuges.

Palavras-chave: Mulheres invisíveis; Esposas; Mulher na arquitetura; Historiografia arquitetônica do Brasil.



INTRODUÇÃO

A arquitetura como ofício, está presente na sociedade desde os primórdios da antiguidade, a partir da necessidade de organização dos espaços. Porém o processo de profissionalização desse labor e o estabelecimento como disciplina é relativamente recente, no mundo e no Brasil. Tendo a princípio no território brasileiro, em 1826, o Curso de Arquitetura da Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro, como o único do país por mais de 50 anos. A presença da mulher nesse espectro é ainda mais recente, data-se a primeira mulher a receber o diploma de arquitetura, Mary L. Page, em 1880, pela Universidade de Illinois nos Estados Unidos.

As lutas feministas tem origem na Inglaterra, nas últimas décadas do século XIX, tendo como ponto de partida a reivindicação pelo direito ao voto. Posteriormente alcançando outras conquistas, como a própria entrada da mulher no mercado de trabalho e academia, mesmo que com ressalvas. Um exemplo é a Escola de Bauhaus, na Alemanha, inaugurada em 1919, com um discurso de universalização do ensino em relação ao gênero, mas que na prática se apresentou de forma a dificultar o acesso feminino, cobrando taxas mais altas as mulheres e encaminhando-as a aulas de encadernamento, poesia e tecelagem, sem permitir o ingresso nas aulas de arquitetura.

No reconhecimento de profissionais, pode-se destacar diversas situações de mulheres que foram invisibilizadas durante os anos, como o exemplo do Prêmio Pritzker de 1991, concedido somente a Robert Venturi, sócio e marido de Denise Scott Brown, que por sua vez, não foi contemplada com a gratificação. Em relação a cerimônia, nota-se que em 43 edições, apenas 6 mulheres foram contempladas, nenhuma delas latino americana. Salienta-se também, a parceria de arquitetas, tanto no âmbito pessoal, como no profissional, com profissionais do gênero masculino.

A historiografia da Arquitetura Moderna no Brasil prioriza as capitais das regiões Sul e Sudeste do país. Sendo assim, Norte e Nordeste brasileiros, de maneira geral, já apresentam minoria de publicações e bibliografias. Essa disparidade aumenta em relação a estudos de gênero e apresentação das mulheres. Há uma lacuna presente no acervo bibliográfico arquitetônico referente a presença do gênero feminino no Nordeste brasileiro. Em paralelo, a palavra “vão” na arquitetura, refere-se a algo que deve ser vencido ou superado. Nesse ensaio, o vazio da presença das mulheres na bibliografia arquitetônica do Nordeste do Brasil é comparado com o vão que deve ser vencido ou superado nas construções.

É necessário esclarecer que o objetivo do ensaio é instigar os leitores a questionamentos em relação ao gênero e salientar a discriminação e invisibilização da mulher na área da arquitetura e do urbanismo, atribuindo reconhecimento ao trabalho feminino, trazendo fatos históricos que comprovem a argumentação. De forma alguma, diminuir ou retirar o reconhecimento de feitos arquitetos, homens. Que por sua vez, já estão estabelecidos.

A ARQUITETA

A regulamentação da arquitetura como profissão, tardou a acontecer, por mais que o ofício estivesse presente na sociedade, desde a antiguidade. A presença da mulher nas escolas em geral eram muito raras. A primeira mulher a receber o diploma de arquiteta, data-se de 1880, a arquiteta Mary L. Page nos Estados Unidos.

Mesmo com a criação de escolas com discursos de acesso universal, muitas vezes era dificultado o ingresso quando se tratava de mulheres, cobrando valores mais altos, ou até encaminhando-as a diferentes setores como tecelagem e encadernamento. Mariana Fontes, dedicou um tópico em sua dissertação (2016) ao



“Machismo no ensino arquitetônico, o caso de Bauhaus”, expondo diferentes casos de discriminação a mulher na famosa escola alemã.

Por direito, então, as alunas poderiam escolher livremente qualquer oficina já que os estatutos da Bauhaus aceitavam “qualquer pessoa sem antecedentes, independentemente da idade e sexo, [...] Entretanto, a realidade era diferente. [...] As mulheres, apesar de terem que pagar taxas mais altas, eram encaminhadas após o curso introdutório para aulas de encadernação e poesia, tendo o acesso negado às aulas de arquitetura. Posteriormente, tecelagem tornou-se a única opção para mulheres [...] (Fontes, P.123)

No campo de atuação profissional, também ocorreram casos explícitos de machismo. O mais evidente exemplo, o Prêmio Pritzker, conta com 43 edições, que até o presente ano de 2021, apenas seis mulheres foram contempladas, estas são: Zaha Hadid em 2004, Kazuyo Sejima com seu sócio Ryue Nishizawa em 2010, o trio composto por apenas uma mulher em 2017, Carme Pigem, Ramón Vilalta e Rafael Aranda, o escritório Grafton Architects, liderado pelas irlandesas Yvonne Farrell e Shelley McNamara em 2020 e em 2021, o escritório Lacaton & Vassal liderado pela arquiteta Anne Lacaton, juntamente com seu sócio Jean-Philippe Vassal.

A premiação levou 25 anos, desde a primeira edição da premiação em 1979, para contemplar a primeira mulher. Com episódios de evidente exclusão das profissionais de gênero feminino, como Denise Scott Brown (1931) e Lilly Reich (1947) que nunca chegaram a ser reconhecidas ou receber o mesmo prestígio que os arquitetos com quem trabalharam em parceria, respectivamente, Roberto Venturi (2018) e Mies Van der Rohe (1969), contemplados de forma unitária com o Prêmio Pritzker. Mas que a partir de então a lacuna entre o reconhecimento de arquitetas mulheres vem diminuindo cada vez mais, tendo nos dois últimos anos profissionais do gênero feminino entre os ganhadores.

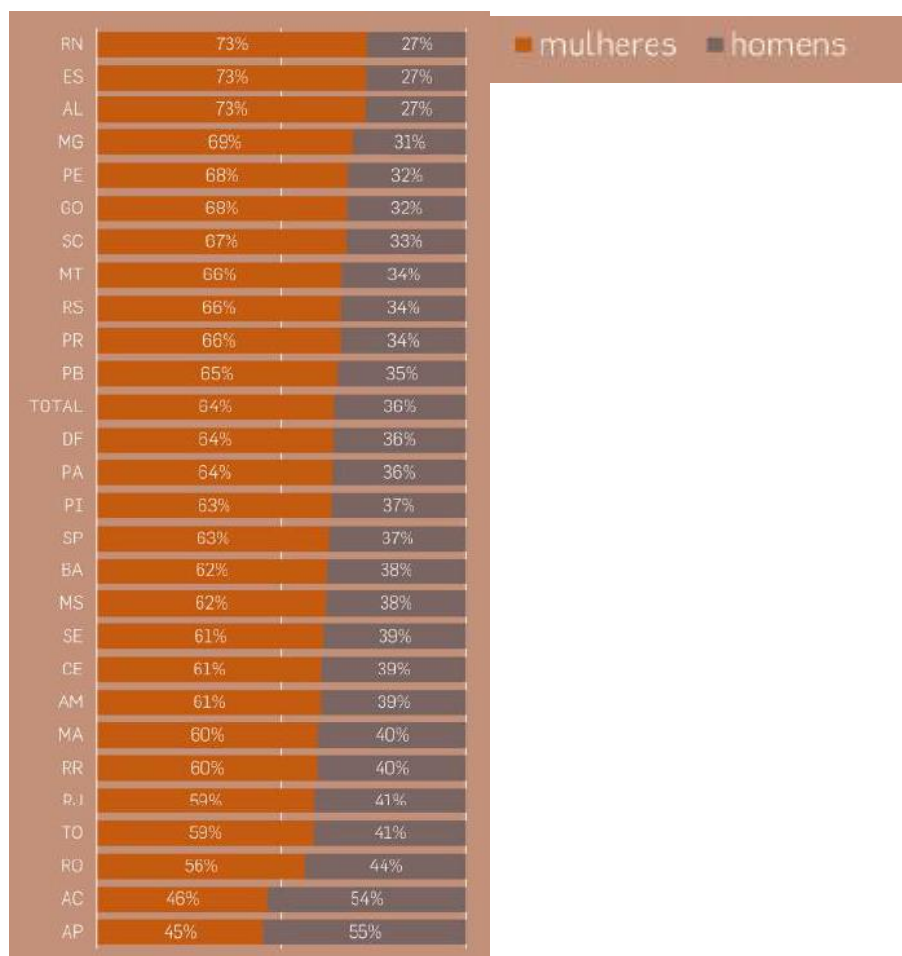
A participação das mulheres tem aumentado progressivamente na arquitetura, assim como seu grau de visibilidade e reconhecimento. É necessário, entretanto, que se tenha em vista que o caminho para a conquista de espaço na profissão têm sido difícil e bastante sinuoso. Na América Latina, [...] As condições sociais e políticas, extremamente heterogêneas de região para região, também são absolutamente distintas das dos países de primeiro mundo. Se nos baseamos em bibliografias e referenciais estrangeiros é porque ainda carecemos destes materiais produzidos especificamente sobre a nossa realidade. (LIMA, 2014. P. 25)

No Brasil a primeira regulamentação profissional, em 1933, realizada pelo CREA do Rio de Janeiro, oficializou 2.037 profissionais, sendo apenas 14 mulheres, referente a 1% dos credenciados. De acordo com o levantamento de SÁ, Flávia em 2010, até o ano do levantamento a Universidade de São Paulo (USP) apresenta pouco mais da metade de seus estudantes do gênero feminino, enquanto entre os anos de 1952-1959, a porcentagem de mulheres ingressantes era inferior a 20%. Já na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o último número ultrapassou 60%.

De acordo com o diagnóstico realizado pela Comissão de Política para Equidade de Gênero do Conselho Nacional de Arquitetura (CAU-BR) em 2020. Dentre as Unidades do Conselho, representantes de cada estado do país, apenas duas apresentam a porcentagem referente a profissionais do gênero masculino maior que a referente ao gênero feminino, tendo o total de profissionais regularizados em 64% mulheres e 36% homens. Nos nove estados integrantes do Nordeste, o menor percentual apresentado foi no Maranhão, com 60% de profissionais do gênero feminino.



Figura 1: Arquitetas e Urbanistas por unidade da Federação (%). Fonte: Cau/Br. 2020.



Se o número de mulheres, profissionais de arquitetura e do urbanismo vem aumentando, é necessário voltar esforços para diferentes questões relacionada a gênero, como equidade em relação a direitos como trabalhistas e salarial, entre outras muitas lutas, que precisamos reconhecer no âmbito social e profissional. Mas também deve ser reconhecida que a história contada por homens deve ser revisada na intenção de reparar possíveis lacunas deixadas pela visão patriarcal, como estabelecer representatividade e visibilizá-las na historiografia.

[...] passos humildes estão sendo dados no sentido da visibilização da atuação feminina no campo, tanto por haver um processo de feminização da profissão por um lado, como pelo início de estudos e pesquisas que se propõem a discutir a questão da invisibilidade profissional das mulheres no Brasil, por outro. (FONTES, 2016, p. 43)

Na academia esse tema vem sendo abordado por diversas autoras como Zaída Muxi, Inés Moisset, Ana Gabriela Godinho Lima, Mariana Fontes. No Nordeste, o início dessas pesquisas é mais recentes com foco nos estados de Pernambuco, com Guilah Naslavsky e Andréa Gatí e em Alagoas com Fernanda Feliz e Manuella Andrade.



O VÃO FEMININO

A historiografia da arquitetura, permite a dupla leitura, da matéria tratada e da ideologia do momento histórico em que foi estudada (Waisman,2013), e é construída como uma narrativa, a partir de documentos, dados, datas, bibliografias e construções teóricas. No caso da arquitetura moderna, pode-se dizer que é a mais rica em relação aos casos regionais e que seu discurso e ideologias foram construídos de forma simultânea aos da Europa e América do Norte.

Os problemas historiográficos [...] estão comprometidos diretamente com a ideologia do historiador, pois realizam o recorte de seu objeto de estudo e de seus instrumentos críticos, para a definição da estrutura do texto historiográfico; tudo aquilo, enfim, que o levará à interpretação do significado dos fatos e, por fim, à formulação de sua própria versão do tema escolhido. (WAISMAN, 2013. P. 5)

No artigo “O vazio significativo do cânon” (ZEIN, 2020) estabelece métodos de afirmar a presença de uma narrativa canônica heterogênea, no panorama da arquitetura moderna brasileira. E propõe metodologicamente a desconstrução dessas estruturas canônicas a partir do questionamento do aparato conceitual que construiu ajudou a construir as narrativas historiográficas. Apresentando a pesquisa em andamento “Arquitetura Moderna no Brasil e América Latina: revisões historiográficas”, que consiste em realizar um estudo crítico e sistemático de oito livros panorâmicos da arquitetura brasileira, moderna e contemporânea.

No caso da “Arquitetura Brasileira Moderna”, o cânon parece ter sido modelado sobre uma suposição implícita: a convergência e homogeneidade de pensamento e ação entre todas as personagens, como garantia e provada existência de uma peculiar “maneira brasileira de Arquitetura Moderna”. [...] Mas isso só possível porque uma realidade muito mais ampla é reduzida e cortada fora. (ZEIN, 2020)

Ao estabelecer a “heterogeneidade de pensamento e ação” na historiografia da arquitetura moderna brasileira, reafirma-se a necessidade de revisão da mesma. Segundo ZEIN, no “Quando documentar não é suficiente” do livro “Leituras Críticas” (2018), os mesmos documentos, iluminados por diferentes questionamentos, podem sugerir, precisões e revisões, singelas ou revolucionárias. Pode-se, a partir das questões de invisibilidade feminina, salientar a quase ausência das mulheres nessas bibliografias selecionadas. No levantamento de número de citações de cada arquiteto apresentado no artigo referen aos exemplares “Latin America in Construction” (HITCHOACK; Henry R., 1955) e “Infinito Vão. 90 anos de arquitetura brasileira” (SERPIÃO; WISNIK, 2019), 82 nomes são especificados, sendo apenas 6 mulheres (Figuras 2 e 3), tais: Ana Lúcia Petrik Magalhães, Silvia Pozzana, Rosa Kliass, Carmem Portinho, Liliana Guedes e Lina Bo Bardi.



Figura 2: Número de citações de cada arquiteto x linha do tempo, Livro 7 – Latin America in Construction (BERGDOLL et al., 2015). Fonte: Ruth Verde Zein, André Balsini e Ernesto Bueno Wills, 2019.

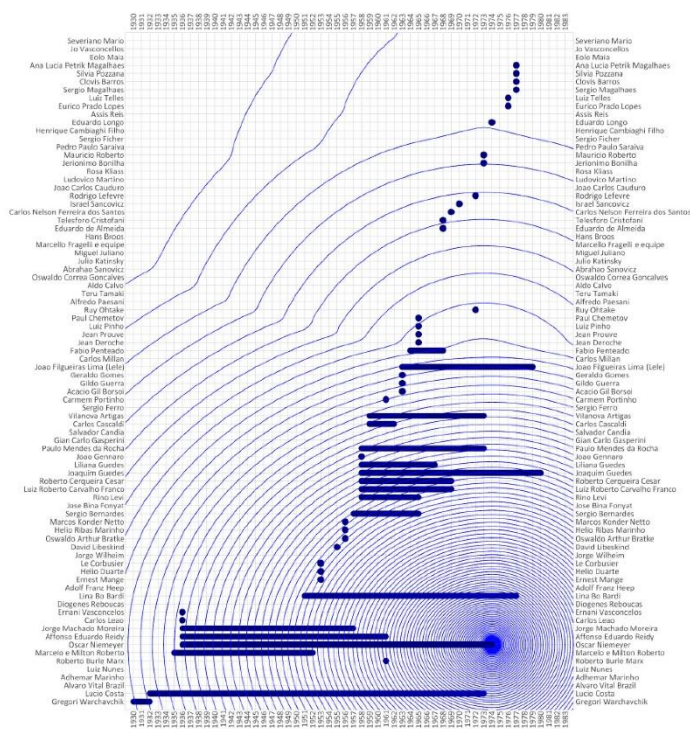
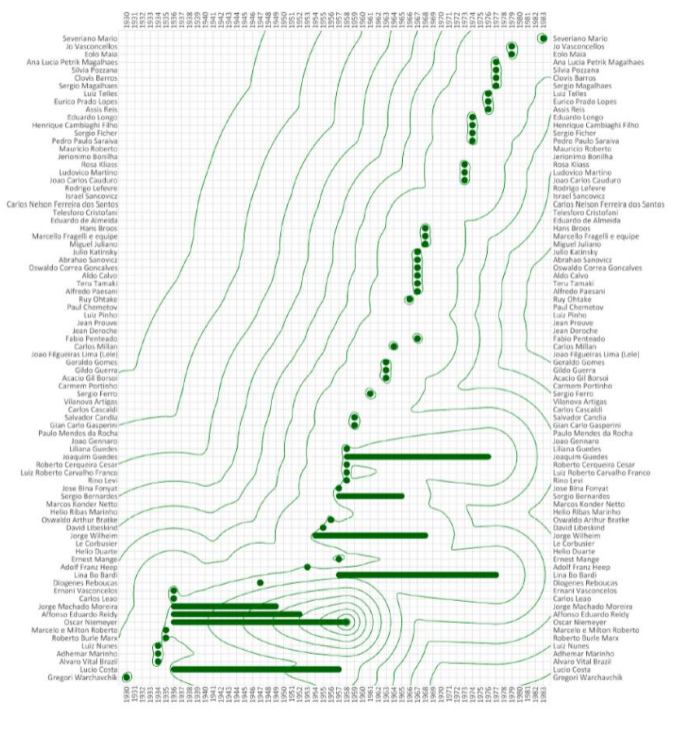


Figura 3: Número de citações de cada arquiteto x linha do tempo, Livro 8 – Infinito Vão. 90 anos de arquitetura brasileira (SERAPIÃO, WISNIK, 2019). Fonte: Ruth Verde Zein, André Balsini e Ernesto Bueno Wills, 2019.





Na arquitetura o vão é algo que se vence, um desafio a superar. É reduzir a quantidade de apoios, expandir as lajes horizontalmente, lançar-se no vazio aéreo, abrindo uma imensa luz ao rés do chão. (SERAPIÃO; WISNIK. 2019).

O vazio deixado pela escassez das mulheres na historiografia brasileira é o vão a ser vencido. O desafio a ser superado é a visibilidade e reconhecimento do trabalho de cada uma delas, reduzir o status dos cânones “extremamente resistentes a críticas e mudanças” (ZEIN, 2020), ampliar os horizontes e expandir os conhecimentos sobre a arquitetura e quem a constrói, mergulhando na imensidão de genialidade de mentes invisibilizadas; por fim, iluminá-las e valorizá-las para que tenhamos um espaço mais claro e sem obstáculos.

Esposas

É comum em áreas criativas como arquitetura, urbanismo, design, entre outros. Observar-se parcerias entre casais, tema abordado pelo livro “Significant Others – Creativity and Intimate Partnership” (CHADWICK, Whitney; COURTIVRON, Isabelle. Londres, 1993). Em que o casal é composto de um “gênio criativo” o “outro”. A relação de artistas como Diego Rivera e Frida Kahlo são mencionados. Ele, pintor renomado e ela, a princípio, artista à sombras do marido, que atualmente se tornou um ícone do movimento feminista e luta pela visibilidade feminina.

Muitas arquitetas e designers de obra relevante, acabaram por ser invisibilizadas por seus respectivos companheiros de trabalho, sócios, maridos, ou ambos. Mulheres ligadas a grandes nomes do star system, que levam, até hoje o maior, se não todo, o prestígio e reconhecimento, pelo trabalho conjunto. Os exemplos são inúmeros, como alguns na lista de Carmen Espiegel (2007): Charlotte Perriand (Le Corbusier), Eileen Gray (Jean Badovici e Le Corbusier), Aino Marsio Aalto (Alvar Aalto), Ray Eames (Charles Eames).

Este mecanismo de invisibilidade, nomeado aqui de “à sombra de”, foi prática usual no campo arquitetônico. É impressionante descobrir que praticamente todos os “grandes arquitetos” ou “grandes homens” da história da arquitetura e do urbanismo tiveram esposas também arquitetas trabalhando ao seu lado, ou melhor, à sua sombra, no desenvolvimento de seus projetos. Quando não esposas, existem sócias ou co-autoras que não receberam qualquer crédito ou reconhecimento pelo trabalho desenvolvido. (FONTES. 2016. P. 126)

No Brasil podemos citar o exemplo da engenheira e arquiteta, Carmem Portinho, cônjuge de Affonso Eduardo Reidy, arquiteto de grande reconhecimento nacional, com quem trabalhou em conjunto no Departamento de Habitação Popular da Prefeitura do Distrito Federal, no período, localizado no Rio de Janeiro. Juntos foram responsáveis por projetos como o do Conjunto Residencial do Pedregulho (1950-1952).

Andréa Gati no artigo “Esposas: atuações em Arquitetura, Interiores e Design.” (Porto Alegre, 2016), apresenta exemplos de parcerias profissionais e pessoais. E explica a seleção de mulheres, atuantes no Nordeste brasileiro, principalmente no estado do Recife, Myriam Pessoa de Melo casada com Vital Pessoa de Melo, Janete Costa parceira de Acácio Gil Borsoi e Clementina Duarte cônjuge de Armando de Holanda, de forma a representar que quanto maior a proximidade da área de atuação com os respectivos profissionais do gênero masculino, menor o reconhecimento e visibilidade atribuído a elas. “Duas delas tiveram reconhecimento nacional e internacional, no entanto, aquela que ficou mais próxima do seu marido no seu fazer arquitetônico, foi a que menos destaque recebeu.” (GATÍ, Andrea. 2016).



Na historiografia do Nordeste, o carioca Acácio Gil Borsoi, tem grande prestígio por ser um dos idealizadores da “Escola Pernambucana”, sendo o responsável por grandes projetos, institucionais, residenciais e até urbanos, dentro e fora da região. Sua mulher, Janete Costa, pernambucana, formada no Rio de Janeiro em 1961. Já acaba por não receber tanto prestígio quanto o marido dentro de projetos arquitetônico, destacou-se em outras áreas, apoiando a teoria de de Gati, da invisibilização das profissinais estar de alguma maneira atrelada ao distaciamento da atuação do cônjuge

Ela foi uma das principais responsáveis pela expansão da área de atuação do arquiteto no Nordeste, trabalhando com projetistas, arquiteta de interiores, designer, organizadora de exposições e até trabalhou com restauros. Seu grande interesse por artes e artesanato da região, atribuíram a ela um perfil diferencial, pioneiro e regionalista, que acabou também sendo agregado pelo marido.

Janete foi considerada “musa” da arquitetura moderna devido aos seus esforços na constituição da identidade nacional demonstradas pela sua trajetória de valorização do patrimônio popular especialmente na sua arquitetura de interiores, suas peças de design e nas exposições por ela concebidas. (GATÍ, 2016. P. 12)

Com todos estes feitos e grande legado deixado pela arquiteta, ainda assim, verifica-se a bibliografia referencial, como o próprio livro de seu marido “Arquitetura como manifesto” (2006), Janete é retratada como colaboradora alguns dos projetos apresentados, porém, sem muitos detalhes sobre sua real participação.

Considerações Finais

A História usualmente é contada por uma perspectiva dos vencedores, dos dominantes, raramente dos vencidos, dos dominados. Essa situação se repete em diversos contextos, foi assim com a história das colonizações, por exemplo, (onde aprendemos que a história do país se inicia com a chegada dos colonizadores) das guerras e seus heróis. (FONTES. 2016. P. 88)

Considerando que a historiografia é contada em uma perspectiva diretamente influenciada por raízes patriarcais, geralmente eurocêntricas e ou Norte Americanas. É possível afirmar a relevância de uma revisão das bibliografias que buscam visibilizar o que foi anteriormente deixado no escuro, como a atuação das profissionais de gênero feminino e realidades mais distantes dos países de primeiro mundo, como o Brasil e mais especificamente regiões mais afastadas dos grandes centros, com o Norte e o Nordeste.

A partir do breve panorama histórico apresentado, juntamente com exemplos e referências teóricas presentes nesse ensaio, é possível compreender que o constante questionamento e revisão das narrativas canônicas sobre a arquitetura é de grande relevância para a continuidade da própria historiografia arquitetônica.

Sem a dúvida sistemática não há ampliação ou revisão de campo; mas ela só pode consistentemente ocorrer se aceitarmos que nem tudo está claro, dito e definido. E sem nos darmos ao trabalho de voltar às origens – à documentação – e novamente interrogá-la. (ZEIN. 2018. P. 105 – 106)

Questões de igualdade de gênero e visibilização feminina já estão sendo muito discutidas atualmente em diversos âmbitos sociais e até mesmo dentro da arquitetura e do urbanismo. Embora a abordagem dessas discussões por estudos venha crescendo nos últimos anos, é necessário a continuidade e o enriquecimento de conteúdos que contribua com a valorização do trabalho feminino e reconhecimento da importância das mulheres na formação das cidades. Principalmente em regiões que ainda dependem diretamente de bibliografias referências de demais realidades diferentes do local, como acontece no Brasil e especialmente Norte e Nordeste.



REFERÊNCIAS

ANTUNES, Lia Pereira Saraiva Gil. **Questões de gênero em Arquitetura: História(s), espaço(s) e experiências profissionais e arquitetônicas.** Empresa Forma Efémeras, Portugal. 2016.

BRANT, Julia. **Gênero e acesso à profissão: as mulheres na arquitetura.** 2019. ArchDaily Brasil. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/923054/genero-e-acesso-a-profissao-as-mulheres-na-arquitetura>>. Acesso em: 20 de julho de 2020.

CHADWICK, Whitney; COURTIVRON, Isabelle. **Significant Others – Creativity and Intimate Partnership.** Londres, 1993.

FONTES, Marina Lima de. **Mulheres invisíveis: a produção feminina brasileira na arquitetura impressa no século XX por uma perspectiva feminista.** Dissertação de Mestrado do Programa de Pós Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Brasília: Universidade de Brasília, 2016.

GATÍ, Andréa. **Esposas: atuações em Arquitetura, Interiores e Design. Sessão temática: arquitetura, gênero e sexualidade.** Porto Alegre, 2016.

LATERZA, Ana; MORENO, Júlio. **Inédito: visão completa sobre a presença da mulher na Arquitetura e Urbanismo. Cresce a participação feminina no setor, mas mulheres ainda têm baixa representatividade nas entidades profissionais.** 2019. CAU/BR. Disponível em: <<https://www.cau.br.gov.br/inedito-visao-completa-sobre-a-presenca-da-mulher-na-arquitetura-e-urbanismo/>>. Acesso em: 20 julho 2020.

LIMA, Ana Gabriela Godinho. **Arquitetas e arquiteturas na América Latina do Século XX.** 1. ed. São Paulo: Altamira Editorial, 2014.

MONTEIRO, Paulo. **Mulheres Invisíveis. Princípios para uma reconstrução do discurso em arquitetura.** Portugal, 2015.

SÁ, Flávia Carvalho de. **Profissão: arquiteta. Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero.** São Paulo: FAUUSP, 2010.

SALVATORI, Elena. **Arquitetura no Brasil: ensino e profissão.** Arquitetura Revista, v. 4, n. 2: p. 52-77, 2008.

SERAPIÃO, Fernando; WISNIK, Guilherme. **Exposição Infinito Vão. 90 anos de arquitetura.** São Paulo, 2021.

SILVA, Fernanda Araújo Félix da. **Onde estão as mulheres arquitetas maceioenses? Um levantamento sobre a produção arquitetônica feminina em Maceió, desde a década de 50 até os dias atuais.** Maceió, 2018.

WAISMAN, Marina. **O interior da história: historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos.** São Paulo, 2013.

ZEIN, Ruth. Verde. **O vazio significativo do cânon.** In: V!RUS, São Carlos, n. 20, 2020. [online]. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus20/?sec=4&item=1&lang=pt> Acesso: 04 Mai 2021.

ZEIN, Ruth Verde. In: GUERRA, Abílio; LARA, Fernando Luiz; SANTOS, Silvana Romano (Org.). **Leituras Críticas.** São Paulo: Romano Guerra Editora, 2018.